



Caricatura de Luigi Pirandello

NUNCA NINGUÉM VIU O PRÓPRIO ROSTO

“O Éden é uma miragem, e a liberdade a face mais próxima do rosto que ninguém viu com os seus próprios olhos”.

Luigi Pirandello descreve, assim, o “estado de alma” de Vitangelo Moscarda, pai de família e banqueiro influente, desde o momento em que a mulher lhe revelou

um ligeiro defeito físico que nunca notara: o nariz pendia para a direita. “A ideia de que os outros viam em mim alguém que não era eu tal como eu me conhecia, alguém que só podiam conhecer olhando-me de fora com olhos que não eram os meus e que me atribuíam um aspecto que estava destinado a ser-me sempre estranho, embora existisse em mim, embora fosse o meu aspecto para eles (um ‘meu’ que, portanto, não existia para mim!) – uma vida na qual, embora sendo a minha para eles, eu não podia penetrar – essa ideia não me deixou mais ter sossego. Como suportar este estranho em mim, este estranho que era eu mesmo para mim? Como não vê-lo?, como não conhecê-lo?, como estar para sempre condenado a levá-lo comigo, em mim, à vista dos outros e, no entanto, fora da minha vista?¹”.

Estamos, pois, “condenados” a uma espécie de *jogo de espelhos ou sombras* em que nos olhamos no rosto dos outros e estes se reveem no nosso próprio rosto. Daí a inelutável necessidade que sentimos de uma convivência social mais ou menos alargada, na expectativa nunca totalmente satisfeita que a imagem alheia nos devolva o nosso verdadeiro rosto. É dizer, portanto, que estamos imersos numa realidade feita de *formas ou artificios* que “falsifica” tudo o que dela participa, incluindo o próprio Direito.

Assim sendo, a *solidão* é o nosso “estado natural” que suavizamos com os *mitos* que criamos e os *diálogos* que estabelecemos. Se aqueles *mitos* correspondem, porventura, aos “rostos” que desejaríamos fossem os nossos se pudéssemos olhar-nos a nós próprios, já os *diálogos* servem-nos para ficcionar a *imagem* que nos vai reconstruindo mas é tecida pelos outros. Em verdadeiro rigor, só nos resta a *solidão*, esse mistério originário fundante da nossa individualidade, que não se esgota nos *mitos* que elegemos nem nas respostas em que presentimos reflectido o nosso rosto.

Convém – a meu ver – que assumamos estas circunstâncias que são as nossas e necessariamente relativizam todas as nossas realizações, quanto mais não seja porque nelas não nos podemos rever em toda a nossa *autenticidade*. Bem sei que nos sobra a *solidão*, mas esta é por sua natureza incomunicável: nela apenas podemos aprofundar-nos no *vazio* em que, inicialmente, ancorámos, alimentando a esperança que o *indizível* nos traduza e revele a verdadeira *imagem* do nosso rosto.

Partindo destes pressupostos ontológicos, sou levado a concluir que o Direito evidencia duas características fundamentais que partilha com os demais *mitos*:

- constituindo uma resposta alheia às expectativas comunitárias de cada um de nós, essa resposta será, necessariamente, *formal*, porque nela não está o nosso *eu*, mas apenas o *espelho* que o reflete;
- ainda que vise finalidades promocionais, a respectiva natureza é *negativa*, implicando sempre um sacrifício da nossa liberdade individual.

Efetivamente, quanto de nós existe para além do Direito, mas, também, para além de Pessoa, Ghandi, Mandela ou Teresa de Calcutá! E se a resposta que o direito nos dá conduz à privação da nossa liberdade física – como é ou pode ser o caso de o direito penal -, então é mister que afirmemos o seu carácter de *ultima ratio* opondo-nos a todos que teimam ver nele a prevenção geral contra os perigos colectivos a que o progresso técnico, inelutavelmente, nos expõe: o Éden é uma miragem, e a liberdade a face mais próxima do *rostro* que ninguém viu com os seus próprios olhos:

¹ PIRANDELLO, Luigi. *Um, ninguém e cem mil*. Tradução de Margarida Periquito. Lisboa: Cavallo de Ferro, 2007, p. 17 e s.

esse “estranho” de que nos fala Pirandello – habita-nos desde sempre, mas está irremediavelmente fora da nossa vista.

Coimbra, 26 de Dezembro de 2013

João Varela

Declaro que o texto que apresento é de minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.